

Filipinas antecipam posição de devedores na reunião do FMI

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — A previsão de um funcionário do governo americano é a de que não se deve esperar nenhuma mudança econômica drástica no mundo durante a 42ª Reunião Anual do FMI e do Banco Mundial, na semana que vem. Mas a secretária do Planejamento Econômico das Filipinas, Solita Collas-Monsod, que já está em Washington, atacou ontem as formas convencionais de tratamento da dívida, antecipando o que deverá ser repetido por quase todos os devedores latino-americanos, principalmente o Brasil e a Argentina.

“Já foi universalmente reconhecido que a estratégia para resolver a crise da dívida internacional tem-se revelado um triste fracasso. Nada realmente construtivo apareceu. E as democracias do Terceiro Mundo, lutando por sobreviver são as principais vítimas dessa indecisão. Sua sobrevivência, que depende da recuperação econômica, está subordinada às exigências do serviço da dívida” — disse a secretária Solita Collas-Monsod para uma audiência de economistas, banqueiros, diplomatas e funcionários do governo dos Estados Unidos reunidos pelo “National Bureau of Economic Research”, num

hotel de Washington, para uma conferência sobre a dívida dos países em desenvolvimento.

O organizador da conferência do NBER, o professor Jeffrey Sachs, de Harvard, “torce pelo Brasil”, como ele mesmo diz, e acha até que um pouco da sua dívida deveria ser convertida num trabalho de relações públicas para a defesa do plano de negociação brasileiro, apresentado de forma imprópria ao secretário do Tesouro americano, James Baker, e desprezado como *nonstarter* — ou sem futuro. “Este é o caminho. E se houver persistência, e também união e apoio nacional ao ministro Bresser Pereira, o plano vencerá a resistência dos banqueiros” — ele comentava ontem, ao lado da secretária (equivalente a ministro) filipina do Planejamento econômico, Solita Collas-Monsod.

As filipinas estão com uma dívida de US\$ 28 bilhões, o que equivale a 90% de seu Produto Nacional Bruto. “Chegou o momento de abrir caminho nesta floresta de perigosas ilusões criadas pela estratégia convencional para dar a impressão de que o problema foi contido.” E a ministra Solita enumerou as ilusões: a do “novo dinheiro”, quando “os empréstimos recebidos são significativamente menores que as quantias pa-

gas”, a dos esquemas de troca de dívida por investimento, que “criam mais problemas do que soluções”, a ilusão de que os países devedores são tratados na base de “caso-por-caso”, como recomendado pelo plano do secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, e de que os credores não formam um grupo unido, e a ilusão de que o alívio da dívida poderia quebrar o sistema financeiro internacional, “quando os estudos mostram que esses riscos são mínimos, se é que existem de verdade”.

A secretária Solita Collas-Monsod foi aplaudida ao final de seu discurso. A reunião de ontem do NBER ouviu também a economista Eliana Cardoso, da Universidade de Tufts, em Boston, que falou da dívida brasileira, tema que retornará hoje, apresentando um exame que fez com o professor Albert Fishlow, da Universidade da Califórnia, Berkeley. Ela é brasileira, casada com o economista Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Para ela, “se o plano Baker tivesse cumprido o que pretendia”, como estimular o crescimento dos países devedores injetando um dinheiro novo que não se materializou, e tratando de cada país separadamente, “não haveria moratória, e, muito provavelmente, ocorreria um resultado muito melhor para o Plano Cruzado”.